

VEM COMIGO



SIMONE SOLTANI

Do mesmo universo de *Um amor sem freio*

VEM COMIGO

SIMONE SOLTANI

TRADUÇÃO DE BEATRIZ S. S. CUNHA



Copyright © by Simone Soltani, 2025

Publicado originalmente em 2025 por Pan, um selo da Pan Macmillan, uma divisão da Macmillan Publishers International Limited.

TÍTULO ORIGINAL RIDE WITH ME COPIDESQUE

Renato Ritto revisão

Rachel Rimas Júlia Moreira ilustração de capa Leni Kauffman e-isbn

978-85-510-1302-1

Edição digital: 2025

Todos os direitos desta edição reservados à Editora Intrínseca Ltda.

Av. das Américas, 500, bloco 12, sala 303

Barra da Tijuca, Rio de Janeiro – RJ

CEP 22640-904

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

S675v

Soltani, Simone

Vem comigo [recurso eletrônico] / Simone Soltani ; tradução Beatriz S. S. Cunha. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2025.
recurso digital

Tradução de: Ride with me Formato: ebook

Modo de acesso: Ride with me ISBN 978-85-510-1302-1 (recurso eletrônico) 1. Romance americano. 2. Livros eletrônicos. I. Cunha, Beatriz S. S. II. Título.

25-100119.0

CDD: 813
CDU: 82-31(73)



Carla Rosa Martins Gonçalves - Bibliotecária - CRB-7/4782



intrinseca.com.br



[@intrinseca](https://twitter.com/intrinseca)



[editoraintrinseca](https://www.facebook.com/editoraintrinseca)



[@intrinseca](https://www.instagram.com/intrinseca)



[@editoraintrinseca](https://www.tiktok.com/@editoraintrinseca)



[intrinsecaeditora](https://www.youtube.com/intrinsecaeditora)



SUMÁRIO

[\[Avançar para o início do texto\]](#)

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Dedicatória](#)

[Calendário da Fórmula 1](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[*Epílogo*](#)

[*Agradecimentos*](#)

[*Sobre a autora*](#)

Para todos que se reconhecem merecedores de mais do que receberam.

E para minha mãe D. Por favor, não leia este.



CALENDÁRIO DA FÓRMULA 1

~~Bahrain • 3-5 de março~~
~~Arábia Saudita • 17-19 de março Austrália • 31 de março 2 de abril~~
~~Azerbaijão • 28-30 de abril Miami • 5-7 de maio~~
~~Emilia Romagna (Ímola) • 19-21 de maio Mônaco • 26-28 de maio~~
~~Espanha • 2-4 de junho~~
~~Canadá • 16-18 de junho Áustria • 30 de junho 2 de julho Grã Bretanha •~~
~~7-9 de julho Hungria • 21-23 de julho Bélgica • 28-30 de julho Férias de~~
~~verão~~
~~Holanda • 25-27 de agosto Itália (Monza) • 1º-3 de setembro Singapura •~~
~~15-17 de setembro Japão • 22-24 de setembro Catar • 6-8 de outubro~~
~~Estados Unidos (Austin) • 20-22 de outubro México • 27-29 de outubro Brasil~~
~~• 3-5 de novembro Las Vegas • 16-18 de novembro Abu Dhabi • 24-26 de~~
~~novembro~~



PRÓLOGO

Thomas

Setembro — Singapura

Estou assistindo a um acidente em câmera lenta.

Pelo retrovisor, não consigo contar quantos carros ficaram destruídos nas barreiras atrás de mim, que agora estão sendo tomadas pelas chamas. Só sei que ninguém vai sair desse acidente ileso — *se é* que alguém vai sair dele.

— Bandeira vermelha, Thomas — meu engenheiro de pista informa pelo rádio, apesar de ser óbvio. — Repito, bandeira vermelha. Vá para o *pit lane*.

Não respondo. Não consigo fazer nada além de olhar para a fumaça preta atrás de mim, as luzes piscantes e a situação horrível que continua a se desenrolar, surpreso por não ter me envolvido. Foi por um triz.

É fácil esquecer como a Fórmula 1 pode ser perigosa. Poucos de nós morrem na pista hoje em dia, então ignoramos os riscos que corremos toda vez que entramos no carro. Mas vidas podem ser perdidas com muita facilidade. E a morte nem sempre é o pior destino.

— Eles conseguiram sair? — pergunto depois de recuperar a voz.

Não vou pedir mais detalhes. Não quero saber. Não por enquanto.

O homem fica em silêncio. As marteladas do meu coração são o único som em meus ouvidos.

— Vai, me fala. — Começo a procurar as cores da equipe enquanto dirijo para a entrada do *pit lane*, mas não consigo enxergar nenhuma delas direito. — Eles conseguiram sair dos carros?

Mais uma vez, não recebo resposta. Ele só fala comigo depois que já estacionei e ergui o corpo para fora do *cockpit* na tentativa de ver quem mais encostou o carro.

— Dois saíram — ele me avisa, finalmente. — Zaid Yousef. E Axel Bergmüller. Estão com os paramédicos.

Uma onda nauseante de alívio me atinge e se intensifica quando vejo o outro carro da McMorris atrás de mim. Meu companheiro de equipe não ficou preso no meio do caos.

— E os outros? — insisto. Não consigo adiar mais. — Quem mais se envolveu?

A resposta vem rápido desta vez:

— Dev Anderson, mas ele evitou o pior e ficou tudo bem com ele. Consegiu sair andando sem ajuda.

Continuo passando os olhos pelos carros e pelos pilotos, tentando me lembrar de quem ainda não vi. Somos apenas vinte. Não deveria ser difícil.

Por fim, percebo quem está faltando.

— E o Lorenzo?

Meu engenheiro solta o ar devagar, fazendo meu estômago embrulhar. Já tive problemas com Lorenzo Castellucci no passado. A fama dele de terrorista na pista é justificada; eu mesmo já fui vítima da direção imprudente dele e da sua ânsia de se provar como filho de um tetracampeão mundial, resultando em acidentes e muitos *quase* acidentes. No fundo, sempre o odiei por isso.

Mas eu nunca desejaria a ele uma situação como essa. Nem a ninguém.

Só que aí percebo que desejei. Cheguei a dizer exatamente isso num momento em que não achei que houvesse alguém malicioso ouvindo. Mas havia, claro que havia. Agora vai virar notícia da pior maneira possível e vai me assombrar para sempre, Lorenzo estando bem ou não.

Eu nos amaldiçoei. E não sei se algum de nós vai sobreviver a isso.



CAPÍTULO 1

Thomas

Dois meses depois
Novembro — Las Vegas, Nevada

Não é fácil ser o homem mais odiado do automobilismo.

Às vezes me pergunto se estou exagerando. Sei que não sou *o mais* odiado, mas com certeza estou entre os cinco primeiros de muitas pessoas — as mesmas pessoas que já chegaram ou que estão a caminho da cidade para o Grande Prêmio de Las Vegas no fim de semana que vem. Mas aí rolam dias como hoje, nos quais tenho o privilégio de atestar em primeira mão que definitivamente *não estou* exagerando.

— Vai se foder — diz o homem de rosto vermelho na minha frente, a pele quase no mesmo tom da camiseta da Scuderia D’Ambrosi que está usando, o número de Lorenzo Castellucci estampado na frente. — Foi *você* quem fez aquilo com ele. *Você* arruinou a vida dele.

Considerando que eu não estava envolvido no acidente que supostamente deixou Castellucci paraplégico, a declaração do homem está um pouco equivocada. Ainda assim, não adiantaria de nada dizer a ele que tudo aconteceu por causa da imprudência do próprio piloto favorito dele. Sou o inimigo público número um, tudo por causa de um comentário infeliz.

Respiro fundo para me acalmar e olho por cima do ombro dele, procurando rotas de fuga desta maldita conversa, mas o cara está bloqueando a minha passagem para o lugar onde preciso estar: um ônibus-balada parado no meio-fio a dez metros de distância. Não pensei

que teria que lidar com um fã furioso de Castellucci antes de participar de uma despedida de solteiro, mas é assim que anda minha vida nos últimos tempos.

Enquanto os outros convidados embarcam, fico preso na calçada do lado de fora do hotel, já que o homem continua seu discurso inflamado. Não vou conseguir me desvencilhar dele sem que outra matéria mordaz seja publicada amanhã de manhã, mas talvez seja *até melhor* dar motivo para que ele faça um mau juízo de mim. Não é como se a Fórmula 1 fosse imune a escândalos, espionagens, trapaças, negócios escusos e mãos sendo molhadas com dinheiro sujo. Tudo isso está impregnado na história do esporte, e nós, pilotos, não somos diferentes. Não consigo pensar em nenhum de nós, no passado ou no presente, que *não* tenha se envolvido em algum escândalo que acabou na mídia.

Dev Anderson, por exemplo, e sua IST resistente a antibióticos, um boato que começou quando a ex-gestora de redes sociais dele pediu demissão em um acesso de fúria. Levou meses e uma reformulação completa de sua imagem para consertar a reputação do cara e convencer os patrocinadores de que ele não traria publicidade negativa — e de que não tinha IST nenhuma. Até hoje ainda existem algumas marcas “mais voltadas para a família” que se recusam a trabalhar com ele, tudo por causa das mentiras que foram espalhadas. Foi um pesadelo, e ele ainda está se reerguendo.

Mas eu trocaria de lugar com Dev de bom grado e preferiria ficar conhecido por uma falsa IST a saberem que desejei a morte de um colega.

A pior parte é que eu realmente fiz isso. Não houve rumores inventados por ex-funcionários vingativos nem cliques com edição de som para fazer minha caveira. Eu falei mesmo aquilo, apesar de ter me arrependido na mesma hora, pois foram palavras ditas em um momento de raiva depois de quase morrer na pista por causa desse homem.

Além disso, já sou bastante experiente neste mundo para saber que sempre tem alguém ouvindo. E, neste caso, alguém na nossa garagem gravou cada palavra furiosa que saiu da minha boca. Não sei quem foi o responsável pela filmagem e pela publicação nas redes sociais, mas em menos de uma hora minha fala já tinha viralizado em todas elas.

O caso gerou certa comoção na época, e recebi uma onda de ódio bastante justificada, mas foi só depois do acidente em Singapura, dois meses atrás, que me tornei oficialmente o homem mais odiado da F1.

Eu entendo o motivo e não posso colocar a culpa em ninguém. Posso até não acreditar em toda essa besteira de lei de atração e de “tomar cuidado com o que se fala”, mas sei que algumas pessoas acreditam e

botam o acidente na minha conta. Virei o bode expiatório que recebe ameaças de morte o tempo todo.

Preciso dar uma ligada para Dev e perguntar como ele consertou a bagunça em que se envolveu. Talvez até contrate a mesma gestora de redes sociais que ele contratou, a que reverteu a opinião pública a favor dele. Pelo que fiquei sabendo, ela foi contratada por Reid Coleman, o piloto que hoje em dia é o número um da Scuderia D'Ambrosi, mas eu diria que preciso mais dela do que Reid. Se bem que a D'Ambrosi era — é — a equipe de Lorenzo, então ir atrás da gestora de redes sociais do cara talvez não seja visto com bons olhos.

As pessoas que cuidam da minha comunicação estão fazendo o melhor que podem para evitar que eu pareça um completo babaca, então a única coisa que me resta é esperar até que o próximo escândalo seja revelado e eu deixe de ser o alvo principal. Para o meu bem, espero que vazem uma fofoca de alguém tendo um bebê fora do casamento nas próximas semanas. Sigo na torcida.

— Entendo sua frustração — interrompo, tentando ser o mais diplomático possível, desesperado para entrar no ônibus. — E pode ter certeza de que vou pensar melhor antes de falar ou fazer alguma coisa no futuro.

Ele me encara como se tivesse crescido uma segunda cabeça no meu pescoço e então volta a esbravejar, me acusando de ser um *inglesinho pretensioso de merda* e enfiando o dedo no meu peito várias vezes. Resignado, apenas suspiro e aceito as ofensas.

Por mais que quisesse fugir, duvido que haja um lugar seguro para mim em Las Vegas inteira, com exceção do motorhome da McMorris, onde há um sistema de segurança de primeira linha. Tive que tolerar esse tipo de situação em todos os Grandes Prêmios desde Singapura: cinco corridas de pura tortura. Infelizmente, vai demorar alguns dias até que eu possa me abrigar com minha equipe no paddock, o que significa que até lá minha única estratégia é sorrir e acenar.

Nem era para eu ter saído hoje à noite. Não sou o membro da família Maxwell-Brown que deveria estar aqui, e sim Andrew, meu irmão mais velho e amigo de infância do noivo, mas a esposa dele está a semanas de dar à luz o primeiro filho dos dois. Ele não podia arriscar perder o nascimento do próprio filho, ainda que fosse por um evento como este, então fui oferecido como a segunda opção, um substituto para representar nossa família no casamento de amanhã, já que minha agenda de corridas coincidiu com a festa. Não esperava um convite para uma despedida de solteiro, mas Andrew deixou claro que eu não podia recusar.

O celular vibrando no meu bolso é a distração perfeita para os gritos na minha cara, e ao pegá-lo vejo a mensagem do meu melhor amigo. *Tá vivo?*, pergunta Joshua, e preciso reunir todas as minhas forças para não bufar enquanto digito: *Sendo abordado neste exato momento, na verdade.* Ao que ele responde: *Contanto que não vire notícia, vai ficar tudo bem.*

Pelo menos alguém se importa.

— Ei, tá me ouvindo? — ruge o fã de Castellucci, e levanto a cabeça. De alguma maneira ele ficou um tom mais escuro de carmesim.

Para livrá-lo do AVC iminente e poupar minha saúde mental de se deteriorar ainda mais, abro um sorriso tenso e dou um grande passo para o lado.

— Desculpa mesmo, mas preciso ir. Se cuida, tá?

Recebo apenas um breve momento de silêncio antes de ele gritar para as minhas costas, mas me recuso a voltar a encará-lo e ouvir mais desaforos. Por sorte, ele não me segue, então subo os degraus do ônibus e, já lá dentro, levo alguns segundos para me acostumar à pouca luz e aos flashes estroboscópicos. Quando meus olhos se ajustam, congelo.

Meu cérebro faz o melhor que pode para assimilar o que estou vendo. Se isso é uma despedida de solteiro... por que tem tanta mulher ali dentro? Jesus Cristo, por que a *noiva* apareceu?

A resposta chega um segundo depois. Não é só uma despedida de solteiro: é uma combinação de despedida de solteiro *e* de solteira.

— Senta aí, amigão! — grita alguém em meio à música alta. Olho em volta e avisto um homem de olhos vidrados, sorridente, segurando uma bebida. — A festa tá só começando!

Mas parece que já começou com tudo. Por um momento, fico pensando se não seria melhor sair do ônibus, e considero bem rápido todos os prós e contras de ficar ali ou na rua, mas as portas se fecham e decidem por mim.

Assim que o ônibus se afasta do meio-fio, eu me espremo ao lado de outros homens de smoking. Achei estranho quando Ron, o noivo, nos pediu para usá-los hoje à noite, e parece que a noiva pediu que as mulheres usassem vestidos brancos. Com essa escolha de looks, qualquer par de convidados poderia ser os pombinhos, embora eles estejam usando faixas e coroas de seda para se diferenciar dos demais.

Eu me arrisco a lançar um olhar ao redor para ver se mais alguém está tão chocado quanto eu com aquela reviravolta, mas todos parecem estar se divertindo muito. Ok, isso talvez não seja lá muito verdade: tem uma mulher mais para o fundo que parece preferir ser atropelada pelo ônibus a estar dentro dele. Mas, mesmo em claro estado de sofrimento, ela é deslumbrante.

Sou forçado a desviar o olhar dela quando alguém enfia uma taça de champanhe na minha mão e começam a surgir gritos me obrigando a virar a bebida de uma vez. Obedeço, mais para fazê-los parar de berrar do que qualquer outra coisa, mas também porque tenho a sensação de que vou precisar do álcool para sobreviver a esta noite.

O jeito é seguir o fluxo.



CAPÍTULO 2

Stella

Despedidas conjuntas de solteiro e solteira deveriam ser ilegais.

Os canadenses costumam se referir a esse conceito como *buck and doe*, mas eu, enquanto americana, chamo essas aberrações de “um grande desperdício da porra do meu tempo”. Eu deveria estar bêbada quando concordei com isso, porque não existe realidade paralela em que eu fosse decidir, por livre e espontânea vontade, me sujeitar a entrar num ônibus-balada com um bando de tarados e de mulheres escandalosas, me encostar em uma barra de pole dance e ficar vendo os noivos se pegarem.

Mal consigo disfarçar o desgosto conforme assimilo tudo que vejo, meu lábio superior lentamente se contraindo a cada poucos segundos até estar pressionado contra o inferior. Eu até me preocuparia em borrar meu batom se já não soubesse que ele é praticamente à prova de bombas, já que foi testado durante a criação de várias receitas e degustações. Se não borra com uma mordida em um cupcake com tanta cobertura que é quase preciso deslocar a mandíbula para morder, não vai borrar com o meu escárnio.

Juro, não era para eu estar aqui. Eu deveria estar em um avião voltando da minha lua de mel, radiante depois de passar alguns dias em um bangalô flutuante nas Maldivas, transando sem parar com o amor da minha vida, mas esse plano foi por água abaixo quando ele me largou no altar. O cara literalmente *saiu correndo* quando chegou a hora de dizer os votos, e eu fiquei lá com a maior cara de tacho, só olhando enquanto ele fugia da igreja como o diabo foge da cruz.

Em vez disso, estou aqui: presa num ônibus-balada em Las Vegas, cercada por quarenta e poucas pessoas que mal conheço e desejando

poder me jogar pela janela no meio da rua; desejando nunca ter concordado quando minha prima favorita me convenceu a vir junto para me distrair do meu noivo fujão.

É, não resta a menor dúvida de que eu estava bêbada quando concordei com isso. Nos primeiros dias após meu casamento fracassado, fiquei bem amiga do vinho. Eu não estava bebendo muito, então aqueles pinot noirs encorpados e chardonnays diuréticos subiam para a cabeça rapidinho.

Vai saber com o que mais concordei durante aquele período. Ainda bem que não cuido dos assuntos do dia a dia da minha empresa, senão poderia estar à beira da falência. Pensando bem... merda, acho que me lembro de ter enviado um e-mail para o meu chef de cozinha em um horário nada adequado perguntando se poderíamos colocar um macaron de vinho tinto no menu da Stella Margaux.

E teve também aquele videozinho que viralizou...

— Stella! — grita alguém com voz aguda do outro lado do ônibus, me tirando da espiral de mau humor.

É Daphne, outra prima minha, uma mulher que eu queria poder arrancar fisicamente da nossa árvore genealógica. O cabelo dela, na altura do queixo, mal se mexe quando ela se estica para segurar minha mão, as unhas impecáveis num tom “mais fechado” de vermelho. Parece uma personagem do filme *Mulheres Perfeitas*, só que negra, cujos hobbies incluem bruxaria e devorar a alma de crianças. Se ela não me irritasse tanto com esse teatrinho de ser sempre tão amável, eu adoraria a vibe dela.

Infelizmente, ela é um monstro faminto por fofocas, e tenho certeza de que foi a responsável por vaziar para a imprensa todos os detalhes sórdidos do meu casamento fracassado. Era de se pensar que uma cirurgiã plástica renomada de trinta e cinco anos e mãe de dois filhos teria coisas melhores para fazer com o próprio tempo do que falar merda de uma noiva rejeitada que é sete anos mais nova. Mas, bom... acho que no fim todo mundo tem as suas questões.

— Que bom que você veio! — dispara Daphne quando me encara com aqueles olhos escuros e penetrantes. — Como está se sentindo? Melhor depois de... tudo que rolou?

Essa parece ser a pergunta favorita das pessoas ultimamente. Eu adoraria dizer que nunca estive tão bem nessas duas semanas desde que meu noivo foi embora. Acho que é o que eles iam preferir ouvir. Mas não posso mentir, considerando que as evidências do meu desespero estão espalhadas por toda a internet.

Alguém deveria ter tirado o celular de mim, ou pelo menos mudado as senhas das minhas redes sociais. Talvez isso tivesse me impedido de abrir uma live no Instagram e fazer um discurso apaixonado, totalmente bêbada, para o mundo inteiro, de que o amor não existe, os homens são um lixo e os franceses que se fodam.

— Ah, tudo indo! — grito em meio à música alta. — Mas estou muito feliz por ter vindo! Muito feliz pela Janelle e pelo Ron!

Ela me encara como se não acreditasse nisso nem por um segundo, mas abre um sorriso amplo e falso. Os dentes dela são *tão* brancos e retos que só podem ser lentes de contato. Caramba, são incríveis.

— Que bom que decidi vir. De volta pra pista!

— Isso aí! A mãe tá on! — brinco de volta, e sou acometida por uma vontade súbita de me matar.

Ela solta minha mão quando o ônibus balança ao parar e gritos animados tomam conta do ambiente. Lá na frente, Janelle dá batidinhas em um microfone, tentando atrair a atenção de todos. O som me causa arrepios, e fico tentada a tapar os ouvidos, mas não quero parecer uma grande estraga-prazeres logo de cara.

— E aí, tropa do casório! — grita Janelle no microfone. — Como está todo mundo?

Pessoas assobiam e berram, e desvio o rosto para não levar uma cotovelada de uma mulher sentada ao meu lado, que já exagerou um pouco no champanhe. Em comparação, ainda estou tomando minha primeira taça, apesar de querer pegar a garrafa mais próxima e virar todo o líquido de uma vez.

— Beleza, agora que sei que estão se divertindo — continua Janelle —, vamos repassar o itinerário da noite.

O cronograma inclui jogatina, um jantar degustação e um clube de *striptease* onde nós, mulheres, teremos a oportunidade de aprender dança erótica com profissionais e depois praticar a noite toda. Normalmente eu me animaria com todas essas coisas. Atropelo qualquer um em uma mesa de pôquer, adoro comer bem e a ideia de aprender dança erótica do jeito certo me soa divertidíssima. Mas não consigo me animar com nada disso. Aliás, não consigo me animar há séculos. É uma *merda*.

Sinto falta de me sentir eu mesma. De ser alegre, em vez de amarga. De ser a alma da festa e a primeira pessoa a topar um desafio e que se danem as consequências. Sinto falta de quem eu era antes do homem que eu amava e em quem confiava me deixar na mão.

Sinto falta de *ser eu mesma*: a porra da Stella Baldwin. Mas vai saber quando ela volta.

Por hoje, vou me consolar com o fato de que não pareço ser a única passando por um momento ruim. Quando desembarcamos do ônibus, entro na fila atrás de um homem de cabelo escuro que solta um suspiro cansado conforme nos arrastamos em direção à porta, os ombros largos curvados.

É, amigo, eu te entendo.

Faço cara feia quando Daphne tromba comigo e se mete na minha frente, arrastando outra mulher com ela. Fico tentada a derramar o resto do meu champanhe nelas “sem querer”, mas considerando que estamos todas usando branco por exigência de Janelle, o tecido ficaria transparente e me colocaria em apuros. Trágico.

Não vou negar que fico bonita com esse vestido — um modelo curto de seda com bainha de plumas. Sempre fico maravilhosa de branco por ser uma mulher negra de pele mais escura. Mas também não posso negar que me ver assim é um gatilho para a ex-noiva dentro de mim.

Sinto uma pontada muito familiar no peito, uma espécie de mágoa. Tento afogá-la virando o restante do meu champanhe, torcendo para Janelle e Ron terem contratado open bar em todos os lugares a que estamos indo. Preciso encher a cara para sobreviver a isso. Contanto que alguém me impeça de pegar meu celular e gravar outro desabafo, acho que vou ficar bem.

Respiro fundo enquanto descemos do ônibus, grata por não torcer o tornozelo nas sandálias de tira nada práticas com estrelinhas brilhantes que estou usando. Elas fazem minhas pernas parecerem quilométricas, mas acho que foram feitas mais para a pessoa ficar sentada do que para andar. Ou talvez para jogar por cima dos ombros de um homem muito bonito. Não que eu tenha feito isso recentemente ou tenha planos de fazer. Quem diria que ter meu coração partido faria minha libido despencar?

— A gente vai se divertir tanto hoje! — Sydney, uma das madrinhas, grita atrás de mim enquanto entramos no cassino luxuoso. — Mas alguém aqui sabe, tipo, jogar cartas?

— Quem se importa? — Rachel, outra madrinha, responde antes de gargalhar. — É só uma desculpa pra ver caras gostosos de smoking perdendo um monte de dinheiro!

Elas passam correndo por mim em uma crise de riso, quase caindo enquanto tentam contornar o homem que estava na minha frente no ônibus.

— Ai, merda, desculpa! — solta Sydney, agarrando o braço dele ao tropeçar.

O homem se vira, leva a mão ao cotovelo dela e a segura firme.

— Tudo certo — diz ele, e posso jurar que capto uma pitada de sotaque britânico. Não é nenhuma surpresa, considerando que o noivo cresceu em Londres e a maioria dos padrinhos dele são amigos de infância ou jogadores de futebol da Premier League. — Mas cuidado, hein? Ron e Janelle não vão querer que ninguém vá parar no hospital hoje.

O sotaque, então, fica óbvio, mesmo com o barulho das máquinas caça-níqueis, e a maneira como ele constrói a frase confirma minha teoria. Mas é a expressão que vejo em seu rosto que de fato revela o lugar onde ele nasceu. O sorriso tem aquele ar britânico clássico, os lábios apertados que mais parecem uma careta do que uma expressão de alegria. É educado e atencioso, mas meio condescendente também. Com um sorriso desses, ele seria um ótimo membro do Parlamento.

E falando em lábios... o homem tem uma boca bonita, lábios fartos, e para mim fica óbvio que está familiarizado com o conceito de protetor labial. Não que eu esteja pensando... em *beijá-lo*. Homens paternalistas que ficam muito bem de smoking não fazem meu tipo. Pelo menos não deveriam fazer, já que foi exatamente esse tipo que virou minha vida de cabeça para baixo.

Mas não posso negar que o cara é bonito.

Sob as luzes quentes do cassino, o cabelo dele fica de um tom castanho escuro. Uma mecha ondulada e desalinhada à perfeição recai sobre sua testa, e não tenho dúvidas de que ele finalizou o cabelo desse jeito com uma pomada cara. Os olhos, de um azul penetrante, são emoldurados por cílios grossos, do tipo que me fariam inveja se eu não tivesse a melhor designer de cílios do mundo salva nos meus contatos. E, embora sua pele esteja no nível Branca de Neve na escala de palidez, ele tem um brilho dourado que me faz ter certeza: ele passou o verão tomando sol.

Como se isso tudo não bastasse, as feições dele são tão perfeitas que é como se algum escultor clássico o tivesse esculpido em um bloco de mármore. Nariz reto, maçãs do rosto altas, maxilar incrivelmente definido. Ele é... majestoso. O homem parece ter saído de um conto de fadas.

Ainda estou encarando quando as mulheres dão risadinhas e olham para ele por mais tempo que o normal. Não posso culpá-las. Se eu tivesse a oportunidade de chegar tão perto dele, talvez estivesse agindo igualzinho. A antiga Stella — quando era solteira, ousada e livre de preocupações — não teria perdido tempo. Já a versão atual...

— Nossa, que vergonha.

Olho para a minha direita e encontro Daphne ao meu lado, zombando da mesma cena que estou acompanhando. A diferença é que o foco dela recai sobre as duas mulheres cortejando o Príncipe Encantado, não no homem em si.

— A Rachel e a Sydney são incapazes de se comportar perto de um homem — reclama ela, balançando a cabeça como se estivesse testemunhando um grande papelão. — É melhor ele estar pronto para o ataque.

Não vou culpar mulher nenhuma por sentir desejo de atacar um homem (já passei por isso), então não me sinto no direito de concordar com Daphne. No entanto, o que faço é manter os olhos nele. Não faz mal tirar uma casquinha a mais.

A parte boa de não estar mais em um relacionamento é que posso olhar para quem eu bem entender quando eu bem entender. Sou uma mulher solteira pela primeira vez em cinco anos. Estou *livre*. É uma pena que toda essa *liberdade* me deixe a ponto de desmoronar a cada dez minutos.

Por mais determinada que eu esteja a seguir em frente, ainda estou de luto pelo meu relacionamento e pela vida que construímos juntos, e sei que vou continuar assim por um tempo. Mas também sei que poderia ter sido muito pior se eu estivesse um pouco mais apaixonada por ele.

Não que eu não amasse Étienne. Meu Deus, longe disso. Só que, ao longo do ano passado, nosso relacionamento foi ficando meio... desgastado. Coloquei a culpa nos planos para o casamento e na correria do trabalho, coisas que costumam sobrecarregar um casal, mas havia algo além disso. Naquela época, decidi ignorar os sinais e procurar por qualquer outro motivo para o distanciamento emocional dele que não fosse a perda de interesse em mim. No fim, foi a isso que tudo se resumiu.

Eu só não quero mais ficar com você, Stella.

Eu deveria mesmo ter previsto. A gente não transava havia quatro meses. Todos os nossos beijos não passavam de selinhos. Uma vez ele até se retraiu quando tentei segurar sua mão, dando a desculpa de que se assustou porque meus dedos estavam gelados. Teria sido um momento perfeito para pegar minha mão e aquecê-la entre as palmas dele, talvez até dar um beijinho, mas não. Ele se limitou a enfiar as mãos nos bolsos, e fui deixada para trás enquanto caminhávamos. Eu deveria ter percebido que era o nosso fim. Só queria ter aberto os olhos para tudo isso mais cedo.

Mas agora eles estão bem abertos e observando atentamente um homem que eu não teria notado algumas semanas atrás.

— Fico tão feliz por você não ser que nem elas — comenta Daphne, me tirando dos meus pensamentos. Há uma nota de doçura em suas palavras que não me agrada. — Você vem sendo tão graciosa e digna durante... *tudo que aconteceu, sabe*. Você poderia ter saído por aí, doida pra compensar os anos que perdeu ao lado do Étienne, mas não. Essas duas podiam aprender com você em vez de agirem feito duas piranhas, que nojo.

Quase tropeço quando ouço o insulto, meu calcanhar se prendendo a alguma protuberância invisível no carpete, mas consigo manter o equilíbrio.

— Como é que é?

Daphne faz um gesto com a mão como se estivesse apagando o comentário horrível que acabou de fazer.

— Eu sei que é meio grosseiro, mas mulheres assim são todas farinha do mesmo saco. Não tenho respeito nenhum por elas.

— Tá dizendo que não me respeitaria se eu agisse igual a elas? — desafio, cedendo ao impulso de transformar a pequena centelha de raiva em uma verdadeira chama.

Mas, para ser justa, tenho que dar esse crédito a Daphne, já que esta é a primeira vez que sinto algo diferente de um desespero esmagador ou de uma completa sensação de torpor desde o dia do meu casamento.

— Claro que não — repreende ela, entrelaçando o braço no meu e me puxando para mais perto. — Talvez eu só começasse a te enxergar de um jeito um pouco diferente. Mas duvido que fosse agir assim. Não tem nada a ver com a sua personalidade.

— Ah, é mesmo?

Podemos até ser da mesma família, mas está claro que ela não me conhece. Ou talvez tenha esquecido como eu era antes de uma carreira intensa e um relacionamento em ruínas sugarem lentamente minha energia e personalidade.

Ela parece achar que tenho sido *graciosa* e *digna* depois da minha vida toda ter ido pelos ares. Só que até onde eu sei, essas palavras não são sinônimas de *enlutada* e *deprimida*. Se ela acha que essa sou eu de verdade, está redondamente enganada.

— É — confirma Daphne, apertando meu braço de leve e me fazendo querer dar um soco nela. — Só não me parece algo que você faria, Stella.

Sinto uma pontada no peito que parece abrir as comportas para cada emoção que mantive trancada e me recusei a sentir nos últimos dias. Quem ela pensa que é para me dizer quem eu sou? Como ela poderia me conhecer melhor do que eu mesma? É por que acha que tem o direito de

julgar como eu ou qualquer outra pessoa vive a própria vida? Não afeta em nada a vida dela.

Mas tudo bem. Tá tudo bem. Se é isso que ela pensa, então foda-se. Foda-se *ela*. Eu vou mostrar quem eu sou de verdade, vou mostrar o caos que sou capaz de causar agora que não devo satisfações a ninguém.

Hoje a antiga Stella vai ressurgir. E vai causar.



CAPÍTULO 3

Thomas

Tudo bem, talvez eu não seja tão odiado quanto pensava.

Pelo menos não pelas mulheres nesta festa. As duas que estão penduradas em mim neste exato momento não parecem incomodadas com o fato de eu estar aqui. Na verdade, parecem estar gostando *bastante* da minha presença.

— Você é um *lorde* — fala a que está à minha esquerda, olhando para mim com olhos derretidos.

Depois de impedir que levasse um tombo no meio do cassino, virei o cavaleiro de armadura brilhante dela (e da amiga). Acho que a moça se chama Rachel... ou talvez essa seja Sydney. Não prestei muita atenção quando as duas se apresentaram, estava ocupado demais me preparando para outra possível abordagem colérica ao atravessar o andar do cassino em direção aos elevadores. Sair do ônibus-balada e passar no meio de uma multidão tinha sido bem estressante, mas por enquanto estava tudo bem.

— O mais gentil de todos — completa a que está à minha direita, pressionando ainda mais o corpo no meu enquanto nós e dez outras pessoas nos amontoamos no interior da caixa de metal. — Aposto que todo mundo se apaixona por você à primeira vista.

Se elas soubessem...

— Os fãs me adoram — minto, me aproveitando dos sorrisos e das risadas.

Elas são bonitas e devem ter a minha idade, talvez um pouco mais velhas, mas isso nunca foi uma questão para mim. Resolvo continuar dando corda para elas enquanto estiverem interessadas, mas não vai passar disso.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "Vem comigo"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).